

Peça de Teatro

Salve, ó Portugal!

A propósito histórico e dramático, em ato e um quadro, sobre a Revolução de 05 de Outubro de 1910, levado à cena pela 1ª vez, no Teatro da Paz, do Pará, a 15 de dezembro de 1911, por ocasião da visita do cruzador português “República”, sob o comando do capitão de fragata D. Luiz Câmara Lemos.

Aos republicanos portugueses,
e aos heróis da Rotunda, na memorável luta de 03 de outubro de 1911.

Homenagem do autor.

PERSONAGENS

- D. Maria..... Juliana Vianna
- D. Amélia..... Encarn. Barbosa
- Antônio José D' Almeida..... José Vianna
- Machado Santos..... José Moreira
- Alfredo..... Antônio Soares
- 1º Popular..... Virgílio Cordova
- 2º Popular..... Maximino Silva
- Padre..... J. Ribeiro
- Caixeiro..... Ferreira

Grande comparsaria, soldados, marinheiros, povo etc.

A ação passa- se 05 de outubro de 1910, em Portugal.

Ato Único

A cena representa um Café de Lisboa, guarnecido de bancas e mesas. Portas ao fundo. A maior parte das mesas estão ocupadas por populares, alguns armados. Ao fundo uma rua por onde passam pessoas apressadas.

(D. Maria e D. Amélia sentadas em uma banca; 1º popular de pé, aconselha- as)

1º Popular – *(para D. Maria)* Anime- se D. Maria, seu filho aparecerá quando menos o esperarem; os heróis não morrem nunca! O Alfredão deve estar a esta hora ao lado dos valentes, na Rotunda, batendo- se pela Pátria! *(Dirige- se ao fundo e faz menção de pedir alguma coisa ao criado).*

D. Maria – *(chorosa)* Ele era o amparo da minha velhice, o braço forte que nos guiava e protegia! *(chora)*

2º Popular – *(avançando para elas)* Que é lá isso? Lágrimas, nesta hora em que todos nós precisamos de energia! Enxugue- as, senhora!

D. Maria – Perdi o meu filho, senhor! *(chora)*

2º Popular – *(para D. Amélia)* Morreu?

D. Amélia – Nada sabemos! Abandonou- nos e lá se vão três dias que não o vemos. Pobre irmão!

2º Popular – É soldado?

D. Amélia – Não, senhor.

2º Popular – É carbonário?

D. Amélia – Talvez, seja, senhor... Não sabemos ao certo...

2º Popular – E quando partiu não disse para onde ia?

D. Maria – *(levantando a fronte)* Isso disse. Três linhas apenas: “ Vou bater- me pela República, escreveu- nos ele; abençoe- me mãe; beijos à Amélia, adeus!” E nada mais!

2º Popular – Pois, coração ao largo, minha velhinha! *(para D. Amélia)* Ânimo, minha senhora! Se ele foi bater- se pela República, a Pátria o protegerá, porque é mãe também! *(ouve- se ao longe troar de canhões)* Oudem? São os berros do leão da República atacando, de peito descoberto, a pantera da monarquia! É Portugal que acorda do letargo em que jazia!

Muitos Populares – Viva a República! Viva!

1º Popular – *(voltando do fundo)* Limpe as lágrimas, D. Maria! O Alfredo voltará. Fé e esperança em Deus! Eu vou para o meu posto de honra, adeus! *(sai a correr. O tiroteio continua)*

D. Maria – Que tempos atravessamos, meu Deus! Que será de nós, minha filha, sem o teu irmão?

D. Amélia – Sossegue, mãe. Tenhamos fé em Deus!

D. Maria – *(rápida)* E se nós em vez de estarmos aqui a chorá- lo, fossemos procurá- lo no campo

da ação?

D. Amélia – Na Rotunda?

D. Maria – Sim, na Rotunda, filha! Sinto-me com forças para afrontar todos os perigos!

D. Amélia – Que seja, mãe! Corramos à Rotunda. Unamo-nos às mulheres do povo, cuidaremos dos feridos, ao lado dos médicos, dos enfermeiros e das heroínas da revolução!

2ª Popular – *(que as ouvia)* As senhoras não veem que é um absurdo este projeto! Antes de chegarem à Rotunda cairão fulminadas pelas balas da revolta, que não trazem endereço!

D. Maria – Que importa? A viver sem meu filho prefiro morrer por ele!

D. Amélia – À Rotunda, mãe! Não percamos tempo!

2º Popular – Não façam isso, senhoras! É impossível alcançar a rotunda!

D. Amélia – Como não é impossível para as outras? Ou o senhor não acredita na nossa coragem?!

2º Popular – Acredito, sim! Mas as mulheres são fracas lutadoras... Falta-lhes a calma para encarar o perigo e...

D. Amélia – *(atalhando-o)* Ora, não nos acovarde, senhor! A história está cheia de páginas brilhantes onde o heroísmo da mulher iguala a coragem do guerreiro! Lembre-se de Joana d'Arc, a pucela de Orleans, que é uma glória da França e a vergonha dos ingleses! A Revolução Francesa está cheia desses exemplos, desde Theorique de Mericourt, a mulher do povo, até Madame Roland, a nobre dama da democracia! Volva os olhos para o filho amado de Portugal, que é o Brasil, compulse a sua história, e nela verá Jovita, a heroína cearense, disfarçada em soldado, combater ao lado dos defensores de sua Pátria, com denodo e fervor inigualáveis; verá ainda Annita Garibaldi, a destemida guerreira de Laguna, cavalgando fogosos corcéis, como se ela fora o próprio anjo das Vitórias, implantando nos pampas gaúchos o pendão da República!

D. Maria – Fala assim, minha filha! E lembra ainda que as heroínas de Portugal são inúmeras, não esquecendo essa virago conhecida na história pela padeira de d'Aljubarrota!

2º Popular – Pois senhoras, já não está aqui quem falou! Aplaudo sua coragem, mas lamento a resolução *(ouvem-se tiros)*. Estão ouvindo? Aquelas pitombas são traiçoeiras!

D. Maria – Que importa! Deus nos protegerá! Vamos, filha!

D. Amélia – Corramos à procura do Alfredo! *(saem apressadas)*

2º Popular – *(vendo-as partir)* Que raio de mulheres corajosas! Deus as proteja, coitadas!

Machado Santos – *(entra apressado e dirige-se para uma banca)* Rapaz! Depressa! Traga sanduíches e copos de vinho para dois. Vamos, temos pressa, e há 24 horas que não mastigamos a não ser cartuchos e pólvora! Avia, que o outro não tarda! *(o caixeiro sai e volta com os sanduíches e vinho)*

Alfredo – *(entrando)* Pronto, oficial! Os sanduíches?

Machado Santos – Ei-los que chegam! (*o caixeiro serve- os*). Safa! Estou com uma fome de lobo! Mas, palavra d' honra! (*come*) Sinto- me satisfeito! A vitória da República é certa agora! Raça de cães monárquicos! (*populares acercam- se deles*)

2º Popular – Então a coisa vai bem, meu oficial?

Machado Santos – As mil maravilhas! Meu rapaz! Perguntem (*aponta para Alfredo*) a este valente que aqui está se aquilo não vai bem! Todas as bocas das avenidas que vão dar à feira de Agosto estão guarnecidas de peças. O acampamento da Rotunda faz prodígios de estratégica! Uma beleza! As forças de Queluz, que alvejavam o quartel de Campolide, foram rechaçadas pelo regimento de artilharia I, auxiliado pelo povo e pelo 16º! A vitória é certa!

2º Popular – Viva a República Portuguesa! Viva!

Alfredo – (*vibrante*) Sim! Viva a República! O Portugal conquistador dos mares da África e Ásia, o Portugal dos campeadores lusitanos que na tomada de Santarém, na batalha de Sevilha e nas três pugnas sangrentas contra a invasão francesa, epilógadas no Bassaco, fizeram tremular o vitorioso pavilhão das Quinas; o Portugal velho e heroico de outras eras ressurgue, reivindica seus direitos conspurcados! Viva a República!

Populares – (*acercando- se*) E o rei?

Alfredo – Treme e vacila. A sua fuga é matemática! O palácio das Necessidades acaba de ser bombardeado pelos cruzadores “São Rafael” e “Adamastor”! Cai aos pedaços, como a Bastilha dos franceses!

Povo – E a rainha?

Alfredo – Insensata! Vive a rezar, rodeada de jesuítas, cavando a ruína do tesouro e a desonra da querida Pátria, a bem somente dessa diabólica Companhia de Jesus, ou antes do olho vivo. Há de ter a recompensa de seu fanatismo religioso!

Machado Santos – Exército e armada abraçaram- se fraternalmente, aceitando a nossa causa, que é a morte da monarquia! Acabamos de assistir o bombardeio do Terreiro do Paço! A guarda municipal, ali postada, fugiu, abandonando o terreno! Oh! A aurora de nossa redenção cívica, mostra já nos horizontes da Pátria os seus primeiros clarões róseos!

Alfredo – (*entusiasmado*) O sol dos autocratas não é eterno, patricios! Tem ocaso também! A morte de Miguel Bombarda acendeu o rastilho da ira popular, e, em breve, o bojudo paiol dos Bragança reventará como um peiú ao contato com a brasa!

Machado Santos – (*para Alfredo*) Mas agora reparo, tu não comes?! Não avanças nos sanduíches? Olha que estão deliciosos! Vamos, rapaz, é encher o bandulho e pra luta!

Alfredo – É que, meu oficial... Apesar do entusiasmo que sinto por ver triunfar nossa causa, senti também ao penetrar aqui a tristeza invadir minha' alma...

Machado Santos – Tristeza! Por que?

Alfredo – O coração humano é fraco músculo, meu oficial! Por vezes vacila entre o amor da família e o amor da Pátria!...

Machado Santos – Ah! Compreendemos agora! Tens saudades de...

Alfredo – De minha mãe e de minha irmã! Nossa casa fica perto... Dista daqui alguns passos apenas. Mas... Se eu for lá...

Machado Santos – Não voltas à Rotunda, isso é lógico! E nós precisamos de homens como tu!

Alfredo – *(animado)* É isso, meu oficial! Que elas me perdoem! Por fim compreenderão também que o dever de todo homem brioso é bater- se pela Pátria! *(ouvem- se tiros)*

Machado Santos – Muito bem! Vamos, que chamam por nós!

Alfredo – Avante! Partamos! *(param à porta)*

2º Popular – Partamos!

(Um Padre, entra a correr, seguido por populares)

Padre – Salvem- me, salvem- me, por misericórdia!

1º Popular – *(apontando para o padre)* Este sotaina atirava contra o povo, rugindo como fera!

Padre – Foi engano, por certo, senhores! Eu nunca usei armas! *(o povo faz menção de agredir o padre)* Por Cristo, não façam mal a um inocente!

Machado Santos – Calma, cidadãos! DeixaI em paz o corvo do atraso, esse inimigo da luz! Não o molesteis! O reinado dessa torpe matilha terminou hoje em Portugal! A raça dos jesuítas, que era o pior cancro do país, vai ser expulsa! Deixai em paz o sotaina!

1º Popular – Mas é preciso dar uma lição de mestre a este pulha, para que nunca mais se lembre de atirar contra o povo!

Machado Santos – Prudência, senhores! Deixai esse infeliz! Não se deve dar em gente morta! E o clericalismo morreu em terras de Portugal!

Padre – *(chegando- se para o caixeiro)* Esconde- me desta gente! Oculta- me por amor de Deus! Dou- te duas libras em ouro!

Caixeiro – *(indignado)* Olha o roupeta! Não preciso de teu ouro, padrecá! Guarda- o para ti só, já que tão bem tu o soubeste roubar!

Padre – Salva- me então!...

Machado Santos – *(para o caixeiro)* Leva este homem daqui! *(o caixeiro desaparece levando o Padre para o interior do Café)*

Caixeiro – *(galhofeiro)* Anda daí, ó coisa! Troca pra baía! *(sai com o padre)*

Machado Santos – E agora, amigos, corramos a defender a Pátria! Que ninguém fique aqui, covardemente, enquanto nossos irmãos derramam seu sangue, batendo- se pela Liberdade!

Alfredo – Vamos todos fortalecer a Rotunda, cidadãos!

2º Popular – À Rotunda! À Rotunda! *(saem todos acompanhados de Machados Santos e por Alfredo, dando vivas à República).*

Quadro

A cena representa, mais ou menos, o acampamento da Rotunda. Soldados de infantaria 1ª e populares armados cruzam-se examinando o terreno, conferenciando baixo, escovando armas, empunhando as bandeiras da revolução.

2º Popular – *(conduzindo solícito, D. Maria e D. Amélia aparece na direita baixa)* Por aqui, minhas senhoras, depressa! Que loucura a sua virem até cá! Por aqui! *(leva-as para um sítio a abrigo das balas).* Deste lado ao menos podem estar em segurança...

D. Amélia – Obrigado, senhor, por tanta gentileza *(procurando com o olhar).* Mas não o vejo, mãe!

D. Maria – *(idem)* Tão pouco eu. É aqui, porém, que ele deve estar, se a fatalidade não o feriu!

2º Popular – Sei- lhe os sinais e o nome. Vou procurá- lo. Não se afastem desse lugar, que é ótimo!

D. Maria – Pois sim. Não sairemos daqui até o senhor voltar!

2º Popular – Até já! *(para uns soldados)* Confio- lhes estas duas senhoras! São duas heroínas, mãe e irmã de um republicano valente a quem procuram *(sai).*

Um Soldado – Vá descansado, camarada, que nós velaremos por elas!

Machado Santos – *(entra seguido de Alfredo e populares, de espada alçada)* Viva a república Portuguesa!

Todos – Viva!

Alfredo – Aprestemo- nos para recebermos à bala o insensato que tentar invadir a Rotunda!

1º Popular – Estamos prontos! Viva Portugal! Viva! *(ouve-se ao longe o bombardeio dos cruzadores)*

D. Amélia – *(vendo Alfredo dá um grito de alegria, correndo para ele)* Meu irmão!

Alfredo – *(surpreendido vendo-as)* Amélia! Minha mãe! *(corre ara D. Maria, abraça-a e beija-a)* Vocês aqui! Não veem que correm perigo! Uma granada perdida, uma bala desviada... Oh! Para casa, para casa!

D. Maria – *(abraçando-o)* Meu filho, por que nos deixaste?

Alfredo – A Pátria carece de meus serviços, mãe! A hora é decisiva. Precisamos esmagar de vez essa hidra de cem cabeças que aniquila a nossa terra! Mas, vamos para casa, o momento urge!

D. Amélia – Não! Nós não te deixaremos mais!

Alfredo – Deixa- te de tolices, Amélia! Vocês não podem estar a meu lado agora! Vão para casa! Eu lá irei ter brevemente! Preciso estar só! *(o tiroteio recrudescer. Ouve-se fora sussurro de vozes que*

se aproximam).

Machado Santos – *(escutando)* Que é isto, rapazes? Não ouvem? *(grita)* As armas e a postos! *(todos correm a guarnecer as entradas. Machado Santos corre à espreita).* O povo! É o povo que se dirige para aqui! Trazem um homem em triunfo!

Alfredo – *(correndo para o lado de Machado Santos, observando)* Com mil raios! É Antônio José de Almeida que ali vem! *(o povo aproxima-se e invade a Rotunda, conduzindo por entre aclamações José de Almeida)*

1º Popular – Viva Antônio José de Almeida! Viva! Viva o exército e armada! Vivam os heróis da Revolução! Viva! Viva o dia 05 de Outubro! Viva o povo português! Viva!

Antônio José de Almeida – Tendes razão, portugueses! Exultai de contentamento, que chegamos ao fim da jornada! A República em Portugal acaba de ser proclamada! O rei, pusilânime e medroso, vai a esta hora a caminho de Mafra, para dali sair com toda a família real!

1º Popular – Foi pavoroso o tiroteio entre os heróis da Avenida e as feras do Rocio! A Marinha desembarcou com peças de 15 e, subindo a rua do Ouro, colocou entre os dois fogos as forças que defendiam a Baixa e o Rocio! A Avenida da Liberdade foi varrida pelas balas dos revolucionários! Os defensores da monarquia renderam-se, afinal!

2º Popular – *(entrando)* Compatriotas! O povo, em delírio, acaba de queimar os seus últimos cartuchos, e dirige-se, em massa, para aqui! O colégio de Campolide foi assaltado e os frades fugiram!

Antônio José de Almeida – Cidadãos! Viva a República! Portugal possui páginas brilhantes em sua história; mas, dentre elas há duas que se destacam e refulgem como diamantes ao sol! Uma é a de 1º de Dezembro de 1640, em que o povo português cansado de sofrer 60 anos o julgo espanhol e os desmandos de reis intrusos, esfacelou a canga do servilismo proclamando a Restauração! A outra, que ofuscou esta, a outra, a mais gloriosa e bela de todas, é a de hoje! 05 de Outubro de 1910, em que esse mesmo povo heroico deixou de ser vassalo de um rei, para se tornar cidadão da república!

Machado Santos – Bravos! Viva Antônio José de Almeida! Viva a República!

Povo – Viva! Viva!

1º Popular – *(abraçando Alfredo, para D. Maria)* Então, senhora! Não lhe dizia eu que os heróis não morrem nunca!? Aí tem seu filho, coberto de glória e abençoado pela Pátria agradecida!

D. Maria – *(sorrindo alegre)* Obrigada, senhor, muito obrigada! *(Alfredo reúne-se a elas e abraça-as de novo)*

2º Popular – *(para Alfredo)* Eu também o procurava, rapaz! E sinto-me satisfeito por vê-lo nos braços da família!

Alfredo – Obrigado! Eu vos agradeço a solicitude, senhor!

D. Maria – *(apontando para o 1º Popular)* Foi o nosso protetor na Rotunda!

Antônio José de Almeida – *(avançando para a ribalta)* E, agora, meus valentes, ouvi o que o governo provisório a República nascente acaba de publicar: *(lê um avulso)* “Cidadãos! O povo, o

exército e a armada acabam de proclamar a República. A dinastia de Bragança, maléfica e perturbadora consciente da paz social, acaba de ser pra sempre proscrita de Portugal.

Este fato estranho e famoso, que representa o orgulho de uma raça indomável e a redenção de uma Pátria que a bravura tornará legendária, enche de alegria o coração dos patriotas! Eis que, finalmente, termina a escravidão da Pátria e se ergue luminosa na sua essência virginal a aspiração benéfica de um regime de Liberdade!

Cidadãos! Que um só interesse, o interesse da Pátria, vos anime, e uma só vontade, a vontade de ser grande, nos una! Consolidai com amor e sacrifício a obra que surge da República Portuguesa! Viva Portugal!”

Povo – Viva! Viva Antônio José de Almeida! Viva!

Antônio José de Almeida – Vemos agora todos unidos, como bons portugueses, ouvir embevecidos os acordes harmoniosos da “Portuguesa”, o hino belicoso da Revolução! A aurora boreal da nossa emancipação cívica acaba de raiar vitoriosa, por entre as aclamações, ruidosas do exército, da armada e do povo confraternizados! Vamos, cidadãos! Que a alegria e o entusiasmo invadam os nossos corações por este feito de luz das armas portuguesas! Vamos! Viva a República! Vivam os heróis da Rotunda! Viva Portugal!

Povo – Viva! Viva!

Grande apoteose

Rideau